

Entre as cores das matemáticas, traços que atravessam

Dayla Costa Guedes

Paço do Lumiar, Maranhão e Brasil
ddaylaguedes@gmail.com

Cores e traços. Coloridos? Nem sempre. Mas sempre arte. *Graffiti* presente! E a matemática? Ah, essa nunca está ausente.

Cidade. Muros, bairros, vilas, prédios. Pessoas andando para lá e pra cá. São tantos os agentes que se entrelaçam na cidade, mas olhando com cuidado dá para perceber: traços, cores e arte! Quantas pinturas a contar!

Atentando um pouco mais, olha ela lá: matemática. Uma não! Várias! então, chame-as de matemáticas, que elas hão de se apresentar.

A cidade é a de São Luís. Caminhar por seus ambientes é imaginar como será que aqueles murais se formaram por lá? Como o artista pensou o tamanho, a proporção de latas de tinta, o spray? O tamanho das letras? Quantas pinceladas dar?

Aí D'Ambrosio me lembra das inúmeras maneiras de fazer e de saber. Conhecimentos compartilhados por um grupo em diferentes contextos. Ah, verdade! Conheci na graduação. A tão importante etnomatemática.

Recordo-me quando dela ouvi falar: como assim existem modos distintos de fazer matemática? Depois fui refletindo e veio à cabeça a Dona Maria da feira. Tem também o seu João que outra vez conheci no cais. Pescador. Os estudos, não conseguiu finalizar, mas desde a sua ida ao alto-mar até a venda do pescado, sabia que fazia matemática “só não é essa da escola minha filha. É a nossa, do dia a dia, que a vida se encarregou de me ensinar”.

Só posso concordar. De fato o cotidiano, rico de práticas matemáticas, tantas, e precisamos valorizar. Volto mais um pouco. Agora na infância, nos passeios ao interior, das experimentações com as quebras de coco babaçu. Pesos, divisão...formas distintas da matemática se apresentar. 1 kg...2kg por um ou dois pacotes de biscoitos. Quanta

matemática! É, de fato, os nossos dias, os nossos diferentes fazeres e saberes têm suas matemáticas.

Hoje, enquanto professora, percebo o quão importante é se falar que além da escola, lá fora várias matemáticas vamos encontrar. E na arte? A que comentei no início da conversa...então...estou abrindo os olhos...deixando a atenção me apresentar.

São Luís, São Luís...teu Centro Histórico me fez pensar: e se falássemos das etnomatemáticas por cá? Parece uma boa ideia, pois poderíamos visualizar e discutir que os grupos culturais, em sua complexidade, movimentam conhecimentos que existem e resistem, nos mostrando diferentes formas de pensar.

Se há diversos caminhos, com e entre matemáticas, nem pensar em procurar uma mais importante. Etnomatemática também é pensar decolonial. Afasta-se pensamentos eurocêntricos, homogêneos e discriminatórios. Aqueles que querem dizer o que vale ou não vale. Quem faz ou não faz. Onde tem onde não tem. Mas preciso dizer, onde tem cultura, onde tem gente, lá a matemática está, ou seja, em todo lugar!

Ao voltar a falar da arte...me encanta pesquisar as cores e traços, o conhecer da linguagem do *graffiti*...diálogos propostos pelas ruas ludovicenses. Nesse caminhar grafiteiros, artistas...quanta matemática em cada painel, em cada aperto de *spray*, cada letra, cada rosto... A efemeridade do grafitar marcam vozes, discursos...entrelaçados entre arte e matemática, que não pensam em desatar.

Etnomatemática, as matemáticas...diferentes formas para se encantar. Em cada painel linhas de pesquisas são escritas revelando o que vejo: tantos saberes que, como não pude antes enxergar? Mas hoje, por meio de pistas, cartografias de percepções e visualizações que despertam nessa pesquisadora a certeza de que das matemáticas não posso deixar de falar.

Entre as cores das matemáticas, traços que atravessam

Among the colors of mathematics, traces that cross

Entre los colores de las matemáticas, trazos que se cruzan

Resumo

O presente texto traz reflexões acerca das diferentes manifestações e práticas matemáticas percebidas na arte urbana, em particular no *graffiti* em espaços da cidade de São Luís. Nesse movimento de reconhecimento da relação arte, cotidiano e matemática, a etnomatemática surge como lente que valoriza os diversos saberes e as múltiplas formas de fazer matemática, para além do contexto escolar. Evidencia-se que experimentações com arte e matemática estão interligadas e que ambas revelam posicionamentos visões contra eurocêntricas. A cidade e sua arte revelam diferentes modos de conhecer as subjetivações que constroem e reconstroem o pesquisador e professor de matemática.

Palavras-chave: Cidade. Arte. Etnomatemática. Pesquisa.

Abstract

This text brings reflections on the different manifestations and mathematical practices perceived in urban art, in particular in graffiti in spaces in the city of São Luís. In this movement of recognition of the relationship between art, daily life and mathematics, ethnomathematics emerges as a lens that values the various types of knowledge and the multiple ways of doing mathematics, beyond the school context. It is evident that experiments with art and mathematics are interconnected and that both reveal positions and views against Eurocentric. The city and its art reveal different ways of knowing the subjectivations that construct and reconstruct the researcher and mathematics teacher.

Keywords: City. Art. Ethnomathematics. research.

Resumen

Este texto trae reflexiones sobre las diferentes manifestaciones y prácticas matemáticas percibidas en el arte urbano, en particular en el graffiti en espacios de la ciudad de São Luís. En este movimiento de reconocimiento de la relación entre el arte, la vida cotidiana y las matemáticas, la etnomatemática emerge como una lente que valora los diversos tipos de conocimiento y las múltiples formas de hacer matemáticas, más allá del contexto escolar. Es evidente que los experimentos con el arte y las matemáticas están interconectados y que ambos revelan posiciones y puntos de vista contrarios al eurocentrismo. La ciudad y su arte revelan diferentes formas de conocer las subjetivaciones que construyen y reconstruyen al investigador y al profesor de matemáticas.

Palabras clave: Ciudad. Arte. Etnomatemáticas. Investigación.